

28-04-2020

## “Esculhamba” depois “tapeia”: tergiversação sobre saúde e economia durante a pandemia

**Diego de Oliveira Souza**

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/  
Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca]

No âmbito coletivo, a medida preventiva mais eficaz até então conhecida contra a Covid-19 é o isolamento social.

A recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de muitas autoridades sanitárias, em várias nações, é para que todos os indivíduos fiquem em casa, preservando-se apenas os serviços essenciais. Algumas polêmicas surgiram sobre a adoção dessa medida pelos governos nacionais ou locais, quando muitos começaram a defender o “isolamento vertical”, apenas para o grupo de risco, isto é, idosos e pessoas com doenças crônicas preexistentes.

Outros relativizaram a gravidade da pandemia, chamando-a de “gripezinha” e ignorando o colapso no sistema de saúde que ela pode causar caso a velocidade de transmissão não seja contida. Esse comportamento foi notado até mesmo em líderes de Estado, sob a principal alegação de que o isolamento social causaria bancarrota das economias, gerando desemprego, fome e, portanto, muito mais mortes do que a Covid-19. Nesse caso se enquadra o presidente da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro. Lembremos um trecho de seu pronunciamento em 24 de março de 2020: *O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. [...] No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (leia). O pronunciamento do presidente traz, portanto, uma crítica (mal elaborada) ao isolamento social, negando as evidências científicas e recomendações técnicas da OMS e do seu próprio Ministério da Saúde, à época sob responsabilidade de Henrique Mandetta. Foi, como nós nordestinos costumamos falar, uma “esculhambação”!*

A narrativa que se fortaleceu a partir daí é aquela que diz que não se pode lidar com a saúde e esquecer da economia, pois a derruição desta seria tanto (ou mais) prejudicial àquela quanto a pandemia.

O presidente seguiu com uma série de ações a fim de relativizar a importância do isolamento, estando em aglomerações e até mesmo em manifestações.

Ao mesmo tempo, o ex-ministro buscava manter as recomendações técnicas, com a defesa do isolamento (embora, por vezes, titubeante).

Tais divergências de posicionamento somadas à crescente popularidade do ex-ministro parecem ter sido decisivas para a substituição do titular da pasta da saúde no governo federal. Assumiu, em 17 de abril de 2020, Nelson Teich, oncologista e com formação, também, em Economia da Saúde. Um dia antes, no anúncio oficial da troca, o pronunciamento presidencial parece ter sofrido ajustes, tentando demonstrar alguma importância à vida, mas ratificando a narrativa econômica, sob o apelo de uma suposta preocupação com os mais pobres.

Nesse momento, eclode a narrativa de “tapeação”, tentando contornar as polêmicas que o discurso negacionista gerou, assumindo um (ilegítimo) lugar de fala de quem está do lado dos mais pobres.

Travestindo-se de narrativa acadêmica, Teich subscreve a narrativa, evocando a teoria dos determinantes sociais da saúde: *É a gente discutir saúde e economia, isso é muito ruim porque, na verdade, essas não são, elas não competem entre si, elas são completamente complementares [...] Hoje em dia, a gente tem uma discussão na área de saúde que são os determinantes sociais da saúde. O que então é saúde pra uma sociedade? Um deles é cuidado em saúde, mas os outros você tem estabilidade econômica, educação entre outros. E uma coisa importante do desenvolvimento econômico é que ele arrasta as outras coisas [...] (assista).*

Já publicamos, na coluna de agosto, texto sobre os DSS (leia), quando mostramos seu caráter mistificador em relação à determinação social da saúde, transformando-a de um processo uno (embora heterogêneo) em uma coleção de fragmentos que nos faz perder de vista a raiz do problema. Nada mais oportuno para alimentar a tergiversação sobre a relação entre saúde (ora em evidência com a pandemia de Covid-19) e economia. De uma hora para outra, a pandemia passa a ser a responsável pela pauperização dos indivíduos, gerando desemprego, fome e miséria que, por sua vez, matarão mais que a Covid-19. Omite-se com isso que a relação é inversa: é o sistema econômico vigente que gera pobreza, desigualdade e desemprego. É essa lógica estruturalmente desigual que contribuiu para a disseminação do novo coronavírus (leia), não o contrário. Embora a pandemia, ou qualquer problema de saúde, retroalimente as expressões da questão social, não devemos cair na tapeação daqueles que estão preocupados em preservar o grande capital!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.